

CARTA ESCRITA EM 2070 d.C.

Um exercício de imaginação, que está para além da ficção. Preocupante por vermos que diariamente se desperdiça um recurso tão importante e que não é inesgotável.

"Ano 2070. Acabo de completar 50 anos, mas a minha aparência é de alguém com 85. Tenho sérios problemas renais porque bebo muito pouca água. Creio que me resta pouco tempo. Hoje sou uma das pessoas mais idosas nesta sociedade.

Recordo quando tinha cinco anos. Tudo era muito diferente. Havia muitas árvores nos parques, as casas tinham bonitos jardins e eu podia desfrutar de um banho de chuveiro... Agora usamos toalhas de azeite mineral para limpar a pele.

Antes, todas as mulheres mostravam as suas formosas cabeleiras. Agora, devemos rapar a cabeça para a manter limpa sem água.

Antes, o meu pai lavava o carro com a água que saía de uma mangueira. Hoje, os meninos não acreditam que a água se utilizava dessa forma. Recordo que havia muitos anúncios que diziam CUIDA DA ÁGUA, só que ninguém lhes ligava - pensávamos que a água jamais podia acabar. Agora, todos os rios, barragens, lagoas e mantos aquíferos estão Irreversivelmente contaminados ou esgotados. Antes, a quantidade de água indicada como ideal para beber eram oito copos por dia por pessoa adulta. Hoje só posso beber meio copo. A roupa é descartável, o que aumenta grandemente a quantidade de lixo e tivemos que voltar a usar os poços sépticos (fossas) como no século passado já que as redes de esgotos não se usam por falta de água.

A aparência da população é horrorosa; corpos desfalecidos, enrugados pela desidratação, cheios de chagas na pele provocadas pelos raios ultravioletas que já não tem a capa de ozônio que os filtrava na atmosfera. Imensos desertos constituem a paisagem que nos rodeia por todos os lados.

A indústria está paralisada e o desemprego é dramático. As fábricas dessalinizadoras são a principal fonte de emprego e pagam-nos em água potável os salários.

Os assaltos por um bidão (botijão) de água são comuns nas ruas desertas. A comida é 80% sintética. Pela ressequidão da pele, uma jovem de 20 anos está como se tivesse 40.

Os cientistas investigam, mas não parece haver solução possível. Não se pode fabricar água, o oxigênio também está degradado por falta de árvores e isso ajuda a diminuir o coeficiente intelectual das novas gerações. Alterou-se também a morfologia dos espermatozoides de muitos indivíduos e como consequência há muitos meninos com insuficiências, mutações e deformações.

O governo cobra-nos pelo ar que respiramos (137 m³ por dia por habitante adulto). As pessoas que não podem pagar são retiradas das "zonas ventiladas". Estas estão dotadas de gigantescos pulmões mecânicos que funcionam a energia solar. Embora não sendo de boa qualidade, pode-se respirar. A idade média é de 35 anos. Em alguns países existem manchas de vegetação normalmente perto de um rio, que é fortemente vigiado pelo exército. A água tornou-se num tesouro muito cobiçado - mais do que o ouro ou os diamantes. Aqui não há árvores, porque quase nunca chove e quando se registra precipitação, é chuva ácida. As estações do ano tem sido severamente alteradas pelos testes atômicos.

Advertiam-nos que devíamos cuidar do meio ambiente e ninguém fez caso. Quando a minha filha me pede que lhe fale de quando era jovem descrevo o bonito que eram os bosques, lhe falo da chuva, das flores, do agradável que era tomar banho e poder pescar nos rios e barragens, beber toda a água que quisesse, o saudável que era a gente, ela pergunta-me: Papá! Porque se acabou a água? Então, sinto um nó na garganta; não deixo de me sentir culpado, porque pertencço à geração que foi destruindo o meio ambiente ou simplesmente não levamos em conta tantos avisos. Agora os nossos filhos pagam um preço alto e sinceramente creio que a vida na terra já não será possível dentro de muito pouco tempo porque a destruição do meio ambiente chegou a um ponto irreversível.

Como gostaria voltar atrás e fazer com que toda a humanidade compreendesse isto, quando ainda podíamos fazer algo para salvar ao nosso planeta terra!

UMA LIÇÃO AMBIENTAL DA ILHA DE PÁScoa

A Ilha de Páscoa (Rapa Nui) é um local pequeno e isolado no imenso Pacífico Sul. Os polinésios utilizaram canoas para colonizar essa ilha há cerca de 2.900 anos. Levaram para lá porcos, galinhas, cães, ratos clandestinos, raízes de taro, inhame, bananas e cana-de-açúcar.

Os colonizadores encontraram uma ilha paradisíaca cujo solo fértil mantinha florestas densas, com grande diversidade e grama viçosa. Os polinésios desenvolveram uma civilização baseada em duas espécies de árvores existentes na ilha, as palmeiras gigantes e a tília glaba (chamada hauhau). Eles utilizavam as palmeiras gigantes como abrigo, para criar ferramentas e para fazer canoas destinada à pesca de peixes, como a toninha. Eles derrubavam as árvores hauhau e as queimavam para cozinhar e para mantê-los aquecidos durante o inverno. Além disso, da fibra dessas árvores faziam cordas. As florestas foram derrubadas para que em seu lugar fossem feitas plantações.

A vida era boa na Ilha de Páscoa. Os habitantes do local tinham muitos filhos; em 1400 a população atingiu um número entre 6 mil e 20 mil habitantes. Então, os residentes passaram a utilizar os recursos das árvores e do solo mais rápido do que poderiam ser renovados. Conforme esses recursos tornavam-se insuficientes para manter a população em crescimento, os líderes de diferentes **clãs** começaram a invocar seus deuses esculpindo pelo menos 300 enormes imagens divinas em pedras. Eles orientavam as pessoas a cortar as maiores árvores para formar plataformas gigantescas para as esculturas nas pedras. Colocavam troncos embaixo para fazer rolar as plataformas e as estátuas ou faziam que 50 a 500 pessoas utilizassem cordas grossas para arrastar as plataformas e as estátuas pelos trilhos de madeiras a vários locais na costa da ilha.

Ao fazer isso, eles esgotaram as preciosas árvores mais rapidamente do que podiam ser regeneradas – um exemplo de tragédia da população. Por volta de 1600, restavam poucas árvores. Sem as imensas árvores, os habitantes da ilha não podiam mais construir as tradicionais canoas para navegar em alto-mar e caçar toninhas, nem pescar outros peixes nas profundas águas do oceano. Além disso, ninguém podia escapar da ilha em barcos.

Sem aquelas que um dia foram grandes florestas que absorviam e lentamente liberavam água, as fontes e os córregos secaram, os solos expostos sofreram erosão, a produção das colheitas colapsou e veio a fome. Não havia lenha para cozinhar ou mantê-los aquecidos. Os habitantes famintos comeram todas as aves da ilha. Depois, começaram a criar e a se alimentar de ratos, os descendentes dos caroneiros das primeiras canoas a chegar à Ilha de Páscoa.

Tanto a população como a civilização entrou em colapso quando os clãs rivais começaram a lutar pelos suprimentos alimentícios cada vez mais limitados. Consequentemente, os habitantes passaram a caçar e comer uns aos outros.

Exploradores holandeses chegaram à ilha no dia da Páscoa, em 1722, talvez mil anos depois dos primeiros polinésios. Eles acharam cerca de 2 mil polinésios famintos vivendo em cavernas em campos com poucos arbustos.

Assim como Páscoa em seu auge, a Terra é uma ilha isolada na vastidão do espaço, e não há nenhum outro planeta adequado para onde migrar. Da mesma forma que na ilha do Pacífico, nossa população e o consumo de recursos estão crescendo exponencialmente, porém nossos recursos são finitos.

Seremos nós construtores de moais? O crescimento econômico e o crescimento tecnológico não serão os fantásticos moais que estamos construindo?

Será que os humanos na Terra reviverão em maior escala a tragédia ocorrida na Ilha de Páscoa ou será que aprenderemos a viver de modo mais sustentável neste planeta que é nosso único lar?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MILLER, G. TYLER. **Ciência Ambiental**. 11ª ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007.